

Os verbos “aver” e “teer” no português arcaico – breve sinopse¹

Maria João Costa*

RESUMO: Proporcionar uma visão, quer das estruturas onde ocorreu a substituição do verbo “aver” por “teer”, quer dos factores que contribuíram para tal alteração na língua portuguesa: a) o conteúdo semântico original de *habere e tenere* em latim; b) a utilização de “aver” em estruturas de posse, perífrases, concordância com o particípio passado; c) fase de co-ocorrência de “aver” e “teer”, formas *linguisticamente rivais*; d) substituição de “aver” por “teer”, em finais do século XV, e ‘confinamento’ de “aver” a valores existenciais e de auxiliaridade.

PALAVRAS-CHAVE: português arcaico; sintaxe e semântica; verbos *haver* e *ter*.

ABSTRACT: This paper presents a description of structures where the verb “aver” was substituted by “teer”, and of the factors contributing to that change in the Portuguese language, highlighting: a) the original semantic content of *habere e tenere* in Latin; b) the use of “aver” in structures of possession, periphrases, concordance with the past participle; c) the phase of co-occurrence of “aver” and “teer”, as linguistically rival forms; d) the substitution of “aver” for “teer”, in the late fifteenth century, and the use of “aver” restricted to existential values and auxiliaryity. The study of the main surviving documentation of archaic Portuguese (from the thirteenth century to the first half of the sixteenth century) allows us to observe the slow but progressive substitution of the verb “aver” with “teer”. This process culminated with the disappearance of “aver” from structures where, at the beginning of the period, it was the verb most chosen by speakers.

KEYWORDS: Archaic Portuguese; syntax and semantics; the verbs *haver* and *ter*.

* Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto. Instituto Politécnico da Guarda, Portugal (mjcosta@ipg.pt).

¹ Este artigo tem por base a investigação que conduziu à redacção da nossa dissertação de mestrado em Linguística Portuguesa apresentada, em 1998, à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra com o título “Os valores dos verbos ‘aver’ e ‘teer’ no português arcaico. Estudo diacrónico de carácter sintáctico-semântico”.

O estudo da principal documentação remanescente do português arcaico (séc. XIII – 1ª metade do séc. XVI) permitiu-nos observar a lenta mas progressiva substituição do verbo “aver” por “teer”. Este processo culminou com o desaparecimento de “aver” de estruturas onde, de início, era o verbo preferencialmente seleccionado pelos falantes.

A análise da progressiva substituição do verbo *haver* por *ter* no português arcaico leva-nos a remontar até ao latim imperial. Ainda assim, pretendemos demonstrar que o facto de “aver” dimanar do verbo latino *habere* e pese embora o facto de a perda de sentido ter ocorrido em todas as línguas românicas não justifica, por si só, o parcial esvaziamento semântico deste verbo.

O latim, tal como qualquer outra língua viva, estava em permanente mudança. Ao carácter conservador do latim utilizado pelas camadas cultas da população², contrapunha-se o chamado *latim vulgar ou cotidiana verba* de Cicero. Se hoje é incontestável que as línguas românicas derivam do latim coloquial tardio – variedade crono-estilística, também não é menos incontestável que o longo período de transição para as línguas romances foi indubitavelmente marcado pela instabilidade, pelo polimorfismo e pela heterogeneidade quer nas formas quer nas estruturas morfo-sintácticas.

Centrando-nos apenas no sistema verbal latino e na sua complexidade, parece-nos até certo ponto natural que os falantes, na sua *cotidiana verba* tendessem à simplificação deste mesmo sistema³.

Uma das transformações que se começou a delinear de forma incipiente ainda no latim tardio foi a progressiva utilização dos tempos de presente com o valor de futuro, i.e., passam a utilizar-se formas perifrásticas no chamado “latim vulgar”. O tempo ‘futuro’ passa, nas línguas românicas, a ser transmitido através da criação de uma perífrase com *habeo* e *habebam*. Encontramos neste caso da criação do futuro das línguas romances uma diferença entre o que sucedeu no Império Romano do Ocidente e no do Oriente. No caso que nos ocupa, no Ocidente (e também em italiano), recorre-se a formas perifrás-

² “Entre os romanos, a ideia de “norma linguística” como modelo a preservar e a existência de entidades que zelavam pela sua conservação, evitando todo o tipo de desvios, levou a que fosse atribuído ao gramático um papel social e linguístico de enorme relevância e prestígio». Cf. Dulcelina Silva dos Santos, *Prestígio linguístico e ensino da língua materna*. Porto, Porto Editora, 2002, p.62.

³ “(...) una vez que las formas sintéticas y las perifrásticas llegaron a sentirse como “variantes» hasta cierto punto “intercambiables”, muchos hablantes habrán adoptado las formas perifrásticas también por su mayor idoneidad distintiva, pues es indudable que ellas importaban también la superación de un punto crítico del sistema». Cf. E. Coseriu, *Sobre el futuro romance*. In: *Estudios de lingüística románica*. Madrid, Gredos, 1977, p.38.

ticas formadas com o verbo *habere* enquanto que no Oriente, em romeno, se recorre a *velle*. Assim, “formou-se, no romance, uma locução verbal para a expressão da futuridade” (Mattos e Silva 1993:38). Em relação aos verbos *habere* (habeo, -es, -ere, habui, habitum) e *tenere* (teneo, -es, -ere, tenui, tentum) há já múltiplas utilizações apresentando ambos várias acepções.

O verbo *habere* comportava, entre outros, os seguintes significados: ter, possuir, guardar, dever; por outro lado, *tenere* significava segurar, obter, ser senhor de, ocupar, guardar, entre outros. Podemos comprovar que havia já alguns pontos comuns entre a significação dos dois verbos pois ambos “foram usados para indicar a posse de coisas materiais e também para relacionar o sujeito a seu complemento, o que deve ser considerado uma posse espiritual» (Sampaio 1978:1). Há também, desde o latim, uma franja de significação que é comum a *habere* e *tenere*. Consta-se um paralelismo na utilização e comportamento dos dois verbos. *Habere* foi-se revelando um verbo mais fraco que *tenere* e, à medida que a debilitação semântica de *habere* se acentuava, *tenere* ia ganhando espaço e maior aceitação entre os falantes. Algumas das utilizações destes dois verbos manter-se-ão desde o latim até às línguas românicas, outras formar-se-ão em cada língua, conferindo a estes verbos o estatuto de permanente adaptabilidade face às necessidades de cada comunidade falante.

Na fase arcaica da língua portuguesa os verbos “aver” e “teer” comportam valores semânticos variados. As estruturas mais frequentes em que ocorrem estes verbos são as estruturas de posse; as perífrases de “aver” e “teer” + de + infinitivo (em casos menos frequentes “aver”/ “teer” + a + infinitivo); “aver” e “teer” seguidos de participio passado. Ao estudarmos estas ocorrências desde o século XIII até à primeira metade do século XVI há, desde logo, algumas questões que se colocam: será que o progressivo apagamento semântico de “aver” nada deve à debilitação do seu conteúdo nocional? Será que “aver” e “teer” têm campos semânticos distintos e se apresentam sempre em distribuição complementar, i.e., nas situações em que ocorre um nunca ocorre o outro? Estas questões, que parecem ser de resposta fácil e evidente, conduzem-nos ao verdadeiro âmago de todo este problema – determinar não só o momento a partir do qual “aver” começou a ceder o seu lugar a “teer”, mas também determinar qual a percepção dos falantes ao optarem ora por um ora por outro verbo até ao momento em que “teer” se sobrepõe de forma inequívoca.

Continuando aquilo que se verificava em latim, também no português arcaico “aver” e “teer” detêm valores específicos. Inicialmente o verbo “aver” é utilizado para designar qualquer tipo de posse enquanto “teer” é reservado para designar a posse temporária ou a posse de bens materiais adquiríveis. Em

comum, temos o facto de ambos serem utilizados para designarem a posse de bens materiais, palpáveis.

Em relação à concordância destes dois verbos com o participio passado, verificamos que ambos fazem essa concordância formando uma estrutura na qual “aver” e “teer” são ainda verbos principais e o participio passado é adjectivo e não verbo. Quando “aver” e “teer” sofrem uma gramaticalização, i.e., quando se tornam verbos auxiliares, formam um tempo composto.

No respeitante à perífrase formada por estes verbos com a preposição *de* seguidos de infinitivo há uma marca de futuridade ou de obrigação. No português trecentista e quatrocentista a estrutura “aver” + *de* + infinitivo comuta livremente com “aver” + *a* + infinitivo pelo que esta última acaba por desaparecer. Em relação ao verbo “teer” também encontramos quer “teer” + *de* + infinitivo, quer “teer” + *a* + infinitivo, no entanto, esta última estrutura aparece em contadas ocasiões, sempre com o valor de obrigação e só até ao século XV.

Todos estes factos levam-nos a concluir que na fase inicial do português arcaico os falantes tinham interiorizado estas estruturas e seleccionavam ora um verbo ora outro de acordo com o conteúdo nocional a transmitir. O verbo “aver” era utilizado em praticamente todas as acepções ao passo que “teer” tinha um campo de utilização bem mais restrito. O binómio “aver”/“teer” tem, no período arcaico da língua portuguesa, uma relação de interdependência e de complementaridade que acabará por culminar aquando da utilização de “teer” em todas as acepções que até aí eram apanágio exclusivo de “aver”. Essa progressiva substituição resultou, nos nossos dias, na clara preferência pela utilização do verbo *ter* pelo que o verbo *haver* foi relegado ao papel de verbo auxiliar ou existencial.

Segundo João de Barros a língua portuguesa dispõe de formas de “suprimentos (...) dos tempos per maneira de rodeo» (BARROS, 1971:339). Para este nosso pioneiro dos estudos gramaticais, a forma de definir o valor dos verbos auxiliares é a seguinte: “chamamos tempo per rodeo quando simplesmente nam podemos usar d’algum: entám pero ô significar tomamos este vérbo tenho, naquele tempo que é mais confórme ao vérbo que queremos conjugár, e, com o seu participio passádo, dizemos: tivéra amado (...)” (Idem, *ibidem*:340). Para além do verbo “ter”, João de Barros refere de forma muito superficial o verbo “haver” utilizado, segundo ele, quando se necessita referir o tempo “vindoiro: [h]aver d’ amár, ler (...)” (Idem, *ibidem*).

Se desde sempre se considerou a existência de verbos ditos auxiliares e de verbos principais, ou plenos, já mais complicado tem sido chegar a um consenso, primeiro, relativamente a uma definição de auxiliar e, segundo, con-

seguir determinar quais os verbos que podem ser considerados como tal. Vários são os autores que se têm referido a esta questão, nomeadamente Epiphanyo da Silva Dias, Said Ali, Celso Cunha e Lindley Cintra, entre outros, mas em nenhum se encontra resposta definitiva a estas questões⁴. O conceito de gramaticalização surgiu com Meillet e foi precisamente um seu discípulo, Benveniste, quem criou o conceito de “auxiliação” que designava o processo que consistia na passagem do verbo principal a verbo auxiliar.

Parece ponto assente que para que um verbo que inicialmente tenha o estatuto de verbo principal, ou pleno, passe a verbo auxiliar, é necessário que sofra uma recategorização. A essa recategorização está subjacente uma perda de valor semântico e também mudanças sintáticas. Ataliba de Castilho considera a seguinte trajetória na passagem de verbo pleno para auxiliar:

Verbo pleno > verbo funcional > verbo auxiliar (Castilho 1997:28)

Neste processo de mudança temos uma forma (A) que vai sendo substituída por outra forma (B), havendo uma fase em que ambas coexistem: A > A/B > B.

Regra geral, o principal argumento esgrimido para distinguir entre verbo auxiliar e verbo principal é o de que o verbo principal conserva o seu significado próprio e o auxiliar perde essa significação, i.e., o seu sentido próprio. Fala-se por isso em debilitação semântica dos lexemas que está relacionada com a maior ou menor frequência de utilização desse mesmo verbo – a maior frequência de uso de um verbo contribui para a sua gramaticalização. Um verbo pode ser, num determinado contexto, verbo pleno mas num outro contexto pode assumir-se como auxiliar. Outra questão pertinente que pode e deve colocar-se quando se trata da auxiliaridade é a de se saber “a partir de qué grado de alteración será lícito decir que un verbo es auxiliar? Dónde situar el límite?» (Launay 1980:45).

O que nos parece é que no momento actual é muito difícil chegar a uma posição unívoca e consensual. Relativamente a “aver” e a “teer” é difícil precisar com exactidão o momento a partir do qual eles podem ser considerados auxiliares. Enquanto se encontram ocorrências de “aver” / “teer” + participio passado concordando com o complemento directo, estes verbos ainda não alcançaram o estatuto perfeito de auxiliares. Parece-nos que esse estatuto só se difunde claramente ao longo do século XV. Esta data, que pode parecer tardia, parece-nos a mais segura pois até aí ainda encontramos “aver” e “teer” em variação livre.

⁴ Sobre este assunto da auxiliaridade é inevitável a referência aos trabalhos de Eunice Pontes e de Anabela Gonçalves. Cf. Referências.

O período arcaico da língua portuguesa está profundamente marcado pela mudança o que implica, necessariamente, variabilidade e heterogeneidade⁵. Foi pois possível identificar, na evolução sintáctico-semântica de “aver” e de “teer”, momentos de intensa “efervescência” com formas coexistentes e ao mesmo tempo linguisticamente “rivais” (Maia 1995:18). Desde o século XIII até meados do século XVI fomos acompanhando “aver” e “teer” em estruturas de posse, em perífrases formadas com infinitivo e em estruturas com o participio passado.

“Aver”, que no início do século XIII se apresentava como o verbo principal para a expressão de posse em português, foi gradualmente cedendo o seu lugar a “teer”, em todas as possibilidades de utilização de atributos possessivos. Em termos de número de ocorrências a supremacia de “teer” sobre “aver” manifesta-se a partir do século XV. No entanto, semanticamente, “teer” já ocupava todos os tipos de posse.

No que toca às perífrases formadas por “aver” / “teer” + infinitivo verificamos que “teer” foi sempre menos seleccionado que “aver”. Nesta estrutura estes verbos comportam valores semânticos distintos cabendo a “aver” + de + infinitivo o valor de futuridade ou de intenção e a “teer” + de + infinitivo o valor de necessidade e/ou obrigação. Outra possibilidade de realização destas perífrases, no português arcaico, é a formação com a preposição “a” ao invés de se utilizar a preposição “de”. Esta possibilidade ocorria em poucas situações e acabou mesmo por quase desaparecer. O valor das perífrases com a preposição “a” era idêntico ao das perífrases formadas com a preposição “de”, o que certamente acelerou a sua cada vez menor utilização pelos utentes da língua.

Finalmente temos “aver” / “teer” + participio passado e a questão da formação dos tempos compostos. Ao longo de todo o “corpus”⁶ analisado encontrámos sempre quer “aver” quer “teer” seguidos de participio passado e, muitas vezes, não havia uma clara preferência por um deles. Além disso, encontrámos vários participios que eram comuns a “aver” e a “teer” como *posto*, *ascondudo*, *dito*, *perduda*, *cõtado*, entre outros. Este facto levou alguns autores a pensar que a estrutura se encontrava em variação livre no português arcaico. Os resultados que obtivemos levam-nos a considerar que a difusão dos

⁵ “Os processos de variação e heterogeneidade na língua estão relacionados aos processos de mudança linguística, na medida em que os processos de mudança passam necessariamente pelo processo de variação». Cf. Dante Lucchesi, *Sistema, mudança e linguagem*. Lisboa, Ed. Colibri, 1998, p.63.

⁶ Para que o leitor possa informar-se da amplitude do “corpus” exarado cf. pp.8-10 deste artigo.

tempos compostos só terá começado a ganhar maior profusão a partir da primeira metade do século XVI quando encontramos já muitos exemplos da ausência de concordância e da cada vez maior preferência pela contiguidade entre os elementos “aver” / “teer” + particípio passado ou particípio passado + “aver” / “teer”. Enquanto há elementos intercalados e se verifica a concordância, não temos consolidada a formação dos tempos compostos em português.

Se no “corpus” estudado começamos por notar que “aver” é mais seleccionado do que “teer” nas estruturas de posse, também aqui, com o particípio passado, encontramos o mesmo desenlace: “teer” + p.p. acaba por superar “aver” em número de ocorrências ao chegarmos ao século XVI. Este facto atesta que “teer” esteve sempre, ao longo do português arcaico, em franca ascensão. A documentação exarada possibilitou comprovar que estes dois verbos, “verbos plenos do léxico latino (...) [passaram] por estados de domínio, subdomínio ou de relativa concertação e entendimento» (Torres 1997:303).

Assim, de acordo com os dados obtidos, pode afirmar-se que, na primeira metade de Quinhentos, a língua portuguesa alcançou um estatuto de “maioridade” que começou a delinear-se com a viragem do galego-português para o português arcaico médio.

Referências

- BARROS, JOÃO DE . 1971 *Gramática da língua portuguesa. Cartinha, Gramática, Diálogo em louvor da nossa linguagem e Diálogo da viciosa vergonha*. Reprodução facsimilada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa, Publicações da Faculdade de Letras de Lisboa, 339.
- CASTILHO, ATALIBA de. 1997 *A gramaticalização*. In: *Estudos Linguísticos e Literários*, nº19.
- COSERIU, E. 1977 *Sobre el futuro romance*. In: *Estudios de lingüística románica*. Madrid, Gredos, 38.
- GONÇALVES, ANABELA. 1992 *Para uma sintaxe dos verbos auxiliares em português europeu*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa.
- LAUNAY, M. 1980 *Acerca de los auxiliares y frases verbales*. In: *Lingüística Española Actual*, 2, 45.
- LUCCHESI, DANTE. 1998 *Sistema, mudança e linguagem*. Lisboa, Ed. Colibri, 63.
- MAIA, CLARINDA DE AZEVEDO. 1995 *Sociolingüística histórica e periodização lingüística*. Separata da *Revista Diacrítica*, nº 10.
- PONTES, EUNICE. 1973 *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis, RJ, Editora Vozes.
- SAMPAIO, MARIA LÚCIA PINHEIRO
1978 *Estudo diacrónico dos verbos TER e HAVER, duas formas em concorrência*. São Paulo, Assis.

SANTOS, Dulcelina Silva dos. 2002 *Prestígio linguístico e ensino da língua materna*. Porto, Porto Editora, p.62.

SILVA, ROSA VIRGÍNIA MATTOS E. 1993 *O português arcaico. Morfologia e sintaxe*. S. Paulo, Editora Contexto.

TORRES, AMADEU . 1997 *Na pista do Prof. Azevedo Ferreira: os verbos ter e haver em dois cartulários nortenhos*. In: Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Braga – Guimarães, 1996, vol. II, Lisboa.

Principais fontes documentais consultadas:

A Demanda do santo Graal. Edição iniciada por Joseph-Maria Piel e concluída por Irene Freire Nunes. Introdução de Ivo Castro. Lisboa (INCM), 1988.

AFONSO X - *Cantigas de Santa Maria*. Editadas por Walter Mettmann, 4 volumes. Coimbra (Acta Universitatis Conimbrigensis), vol. I, 1959; vol. II, 1961; Vol. III, 1964; vol. IV, 1972.

ÁLVARES, Frei João - *Trautado da vida e feitos do muito virtuoso Sr Infante D. Fernando*. Edição crítica com introdução e notas por Adelino de Almeida Calado. Coimbra (Acta Universitatis Conimbrigensis), 1960.

ARNAUT, Salvador Dias [Introdução histórica] e Giacinto MANUPPELA [Prólogo, notas aos textos, Glossário e Índices], *O "Livro de Cozinha" da Infanta D. Maria de Portugal*. Primeira edição integral do códice português I.E. 33 da Biblioteca Nacional de Nápoles. Coimbra (Acta Universitatis Conimbrigensis), 1967. Edição facsimilada sem a introdução histórica de Salvador Dias ARNAUT, Lisboa (INCM), 1987.

AZEVEDO, Pedro de - *O trovador Martim Soárez e a sua família*. In: *Revista Lusitana*. Lisboa, vol. V, 1897, p.125-131.

AZEVEDO, Pedro de - *Três documentos em português antigo*. In: *Revista Lusitana*. Lisboa, vol. VII, 1902, p.73-74.

AZEVEDO, Pedro de - *Documentos antigos da Beira (Cartório de Ferreira de Aves)*. In: *Revista Lusitana*. Lisboa, vol. VII, 1902, p.59-65 e 306-307; vol. VIII, 1903-1905, p.35-45.

AZEVEDO, Pedro de - *Documentos portugueses de Pendorada (Baião)*. In: *Revista Lusitana*. Lisboa, vol. XI, 1908, p.79-95.

AZEVEDO, Pedro de - *Documentos de Santa Maria de Aguiar (Castello Rodrigo)*. In: *Revista Lusitana*. Lisboa, vol. XIII, 1910, n.º 1-2, p.9-11.

AZEVEDO, Pedro de - *Documentos portugueses do mosteiro de Chelas*. In: *Revista Lusitana*. Lisboa, vol. IX, 1906, p.259-276.

Boosco Deleytoso. Edição do texto de 1515, com introdução, anotações e glossário por Augusto Magne. Rio de Janeiro (Ministério da Educação e Saúde. Instituto Nacional do Livro), vol. I (Texto crítico), 1950.

Cancioneiro da Ajuda. Edição crítica e comentada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Reimpressão da edição de Halle (1904). (Acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do *Glossário do Cancioneiro da Ajuda*, publicado na *Revista Lusitana*, vol. XXIII, 1920). 2 vols. Lisboa (Imprensa Nacional - Casa da Moeda), 1990.

Cantigas de Escarnho e de mal dizer dos cancioneros medievais galego-portugueses. 2ª edição revista e acrescentada pelo Prof. M. Rodrigues Lapa. [Vigo], (Ed. Galaxia), 1970.

Cancioneiro Geral de Garcia de Resende. Fixação do texto e estudo por Aida Fernanda Dias. Lisboa (INCM). 4 vols., 1990-1993.

CEPEDA, Isabel Vilares - *A linguagem da "Imitação de Cristo" (Versão portuguesa de Frei João Álvares)*. Lisboa (Centro de Estudos Filológicos), 1962.

CINTRA, L. F. Lindley - *A linguagem dos foros de Castelo Rodrigo. Seu confronto com a dos foros de Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Coria, Cáceres e Usagre. Contribuição para o estudo do leonês e do galego-português do século XIII*. Reprodução facsimilada da edição original de Publicações do Centro de Estudos Filológicos. Lisboa (INCM), 1984.

CINTRA, L. F. Lindley- *Sobre o mais antigo texto não-literário português: a “Notícia de Torto” (leitura crítica, data, lugar de redação e comentário linguístico)*. In: *Boletim de filologia*. Lisboa, tomo XXXI, (1986-87), 1990, p.21-27.

COSTA, Avelino de Jesus da - *Os mais antigos documentos escritos em português. Revisão de um problema histórico-linguístico*. Separ. da *Revista Portuguesa de História*, tomo XVII (Homenagem ao Doutor Torquato de Sousa Soares), 1979, p.312-321.

Crónica de D. Fernando [Fernão Lopes]. Edição crítica por Giuliano Macchi. Lisboa (INCM), 1975.

Crónica de D. Pedro [Fernão Lopes]. Edição crítica, com introdução e glossário por Giuliano Macchi. Roma (Edizione dell' Ateneo), 1966.

Crónica Geral de Espanha de 1344. Edição crítica do texto português por Luís F. Lindley Cintra. Vol. I (Introdução), Lisboa (Academia Portuguesa da História), 1951; vol. II (Texto), Lisboa (Academia Portuguesa da História), 1954; vol. III (Texto), Lisboa (Academia Portuguesa da História), 1961. Edição facsimilada por Imprensa Nacional - Casa da Moeda: vol. I, 1983; vol. II, 1984; vol. III, 1984; vol. IV, 1990.

DIAS, Aida Fernanda - *As partidas de Afonso X: novos fragmentos em língua portuguesa (Fragmentos da segunda e sétima Partidas)*. Separ. da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XX, 1994.

DUARTE, Luiz Fagundes - *Documentos em português da chancelaria de D.Afonso III (edição)*. Curso de mestrado em Linguística Portuguesa Histórica. Lisboa (Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa), 1986. Tese de mestrado, inédita.

Estoria de D. Nuno Álvrez Pereira. Edição crítica da “Coronica do Condestabre” com introdução, notas e glossário por Adelino de Almeida Calado. Coimbra (Acta Universitatis Coninbrigensis), 1991.

FERREIRA, José de Azevedo - *Afonso X, Foro Real*. Vol. I (Edição e estudo linguístico); vol. II (Glossário). Lisboa (INIC), 1987.

FERREIRA, José de Azevedo - *Alphonse X, Primeyra Partida. Édition et étude*. Braga (INIC), 1980.

General Estoria. Versión gallega del siglo XIV. Ms. O.I.I. del Escorial. Edición, introducción lingüística, notas e vocabulario de Ramon Martínez-López. Oviedo (Universidad de Oviedo. Facultad de Filosofía y Letras. Publicaciones de *Archivum*), 1963.

História do mui nobre Vespasiano imperador de Roma. Edição facsimilada, com nota prévia de Artur Anselmo. Lisboa (Biblioteca Nacional), 1981.

JUNTA, Jacob de - *Flores de Derezto*. Edição (segundo o códice nº4 do maço 6º de *Forais Antigos* do Arquivo Nacional da Torre do Tombo), estudo e glossário por José de Azevedo Ferreira. Braga (Universidade do Minho), 1989.

Leal Conselheiro o qual fez D. Eduarte Rey de Portugal e do Algarve e Senhor de Cepta. Edição crítica e anotada organizada por J. Piel. Lisboa (Livraria Bertrand), 1942.

Livro d' alveitaria do Mestre Giraldo. Publicado por Gabriel Pereira. In: *Revista Lusitana*. Lisboa, vol. XII, 1909, p.1-60.

Livro da ensinaça de bem cavalgar toda sela que fez El-Rey Dom Eduarte de Portugal e do Algarve e Senhor de Cepta. Edição crítica acompanhada de notas e de um glossário por J. Piel. Lisboa (Livraria Bertrand), 1944. Edição facsimilada da INCM, 1986.

Livro da Vertuosa Benfeytoria [Infante D. Pedro e frei João Verba]. Edição crítica, com introdução e notas de Adelino de Almeida Calado. Coimbra (Acta Universitatis Conimbrigensis), 1994.

Livro de falcoaria de Pero Menino. Publicado com introdução, notas e glossário por Rodrigues Lapa. Coimbra (Imprensa da Universidade), 1931.

Livro de Linhagens do Conde D. Pedro. Edição crítica por J. Mattoso e Joseph Piel. In: *Portvgaliae Monumenta Historica*, Nova Série, II. Lisboa (Academia das Ciências), 1980.

Livro dos bens de D. João de Portel. Cartulário do séc. XIII. Publicado por Pedro de Azevedo. Precedido de uma notícia histórica por Anselmo Braamcamp Freire. Lisboa (Edição do "Arquivo Histórico Português"), 1906-1910.

Livros Velhos de Linhagens [Livro do Deão]. Edição crítica por Joseph Piel e J. Mattoso. In: *Portvgaliae Monumenta Historica*. Nova Série, I. Lisboa (Academia das Ciências), 1980.

LORENZO, Ramón - *Crónica Troiana*. A Coruña (Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa, "Colección Documentos Históricos" disposta pola Real Academia Galega), 1985.

LORENZO, Ramón - *La traducción gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla*. Edición crítica anotada, con introducción, índice onomástico y glosario. 2 vols. Orense (Instituto de Estudios Orensanos "Padre Feijoo"), 1975 e 1977.

MAIA, Clarinda de Azevedo - *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (Com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra (INIC), 1986.

NETO, Serafim da Silva - *Fragmento de uma tradução medieval portuguesa (fins do séc. XIV) de um "Livro da aves", de autor anónimo*. In: *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro (Casa de Rui Barbosa), 1956, p. 40-45.

NETO, Serafim da Silva - *Fragmento de uma tradução medieval portuguesa (fins do séc. XIV) do "Libro de Buen Amor" de Juan Ruíz*. In: *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro (Casa de Rui Barbosa), 1956, p. 38-40.

NUNES, J. Joaquim - *Vida dos Santos Padres de Mérida*. In: "Textos antigos portugueses", *Revista Lusitana*. Lisboa, vol. XXV, 1925, p.231-250.

Obras completas de Gil Vicente. Nova edição, revista. Coordenação do texto, introdução, notas e glossário por Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Ilustrações, vinhetas e iluminuras por Mestre Joaquim Lopes. Porto (Livraria Civilização), 1979.

Portvgaliae Monumenta Historica a seculo octavo post Christvm vsque ad qvintvmdccimvm ivssv Academiae Scientiarvm Olisiponensis edita. Nova Série, I. Lisboa, 1980.

SPONER, Margot - *Documentos antigos de Galicia*. In: *Anuari de l'Oficina Romànica de Lingüística i Literatura*, vol.VII, 1934, p.113-138, 140-158, 162-165 e 188-191.

SPONER, Margot - *Documentos antigos de Galicia*. In: *Anuari de l'Oficina Romànica de Lingüística i Literatura*, vol. VII, 1934, p. 139, 165-170, 183-186 e 191-192.

Vidas de santos de um manuscrito alcobacense (Coleção mística de Fr. Hilário da Lourinhã, cod. al. CCLXVI/ A.N.T.T., ms. da livraria 2274). Edição dirigida por Ivo Castro. Lisboa (Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Estudos Geográficos), 1985.